



TAXA PAGA  
PORTUGAL  
CONTRATO: 536425

CORREIO  
EDITORIAL  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00602013CE



# Gaivato

Quinzenário • 26 de Julho de 2014 • Ano LXXI • N.º 1836 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## PADRE AMÉRICO ITINERÁRIO VOCACIONAL

Padre Manuel Mendes

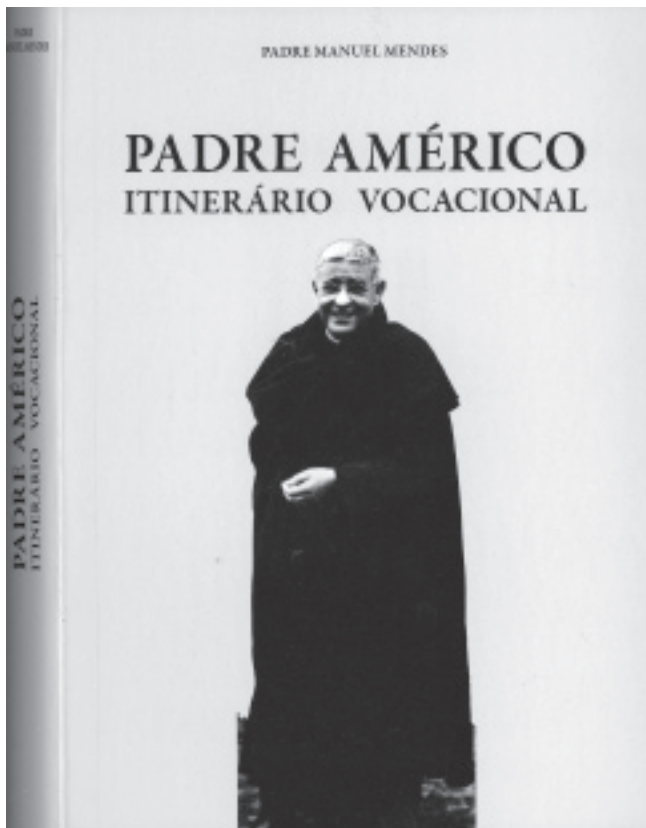
O Padre Américo, o nosso Pai Américo, decerto nos perdoará o atrevimento de aproveitar a sua deixo, na viagem a África, em 1952. Insatisfeitos com o que se foi publicando, metemo-nos ao caminho há longo tempo, primeiro como simples amador e depois por necessidade sacerdotal. Neste arco de tempo, foi possível sintetizar o que se nos afigura essencial do *Caminho da Luz* de Américo Monteiro de Aguiar (AMA), isto é, a sua vida oculta, quais *anos perdidos*, até 19 de Março de 1932 quando *obteve licença do seu Prelado para visitar pobres e cuidar deles*. Outros também fizeram caminho, nesta procura, e o nosso Jornal é uma fonte segura para tecer o pano de fundo da sua biografia.

À luz do grande filão vocacional da Escritura que vai de Moisés até Jesus — o Profeta, Servo e Pastor por excelência — e é continuado pelos seus discípulos, analisámos o seu itinerário. Neste sentido, o presente trabalho visa contribuir para o estudo do seu chamamento divino e procura apresentar os traços dominantes do seu percurso vocacional.

A escolha do tema de investigação prendeu-se basicamente com a ausência de um estudo específico sobre o seu itinerário vocacional e a necessidade de desfazer equívocos. O Padre Américo anunciou uma autobiografia antes da viagem que fez a África, em 1952. Ao embarcar no paquete Quanza, em 29 de Julho, estava no prelo *O Barredo*. Sobre o livro de memórias, disse então: *A bordo, tratarei de um outro. Outro brevíário. Por isso o seu formato será de algibeira.*

*Há-de chamar-se De como eu subi ao altar. Aquele eu é de apagar. Não é um pronome pessoal da primeira pessoa do singular, como as gramáticas ensinam. É simples sinal indicativo do poder maravilhoso de Deus. Assim como eu, podia ter sido outro. Todo o meu mérito está em compreender e reconhecer esta verdade simples. Aqui o equilíbrio.*

*O livro vai ser uma apologia da presença e do governo do mundo, por um Deus Pessoal e Operante. Vai procla-*



*mar mais uma vez o mistério da nossa liberdade a lutar com a Graça. Vamos ver todos o Pastor; o Bom Pastor a conduzir, a escolher pastagens, a curar, pegar ao colo, chamar pelo nome. E isto — muitas vezes e sempre, e a cada uma — até ao fim! [...].*

*Vai ser a bordo. Vou munido de papel e tinta; o resto, tenho-o de cor. Escolherei um cantinho onde ninguém me veja e fale. Eu só, mai-los episódios, as lutas, os fracassos, as vitórias — a Graça e a liberdade.*

*E até, porque Deus assim o permite, acontece que vou pôr os pés nos sítios aonde a luta começou! Mirabilis Deus!*

Antes de chegar ao destino, revelou a dificuldade em escrever essa obra: *Afinal de contas parece-me que não sai o livro De como eu subi ao altar.*

Continua na página 3

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

## Aniversário

CUMPREM-SE agora 58 anos sobre o dia em que Pai Américo foi chamado para a Casa do Pai. Mudou seu modo de agir na Obra que Deus lhe deu a fazer, mas não terminou a sua tarefa: «A minha Obra começa quando eu morrer». Palavra de fé; certeza das realidades que não se vêem.

As obras humanas de sabor divino não estão isentas de vicissitudes, antes pelo contrário; ao trabalho que as faz crescer é acrescido o esforço de as conservar no caminho da fidelidade ao amor que as fez nascer e de perseverança perante as convulsões que irrompem nos tempos. A fidelidade é garantia de chegada ao porto feliz e a perseverança é certeza de vitória nas provas que se intrometem no caminho até ele.

O Grande Francisco de Assis, no apogeu da sua obra em vida, teve de suportar o aguilhão da divisão entre os seus irmãos. Não faltaram, entre eles, os que sentindo-se iluminados, quisessem impor outros voos à sua obra, voos ditos mais altos porque intelectualmente mais refinados. Esta atitude fez moessa, mas não apagou o espírito que fez nascer a obra e não impediu que permanecesse no espaço deste mundo e no tempo em que ele se move.

Como Francisco de Assis, também outros homens e mulheres marcados com os carismas do amor de Deus pela humanidade, passaram por semelhantes provações. Assim também Pai Américo, como todos os que, na sua vida, cumprem um trabalho em favor dos homens, que não é obra de suas mãos, mas de Deus.

Recordá-los, como nós agora recordamos Pai Américo nesta hora aniversária, é abrir os olhos do coração para apreciar os frutos visíveis do seu trabalho, que estão aí, e os invisíveis que já foram colhidos e permanecem para além do tempo. É também hora oportuna para lhe agradecer um infindável rol de bens recebidos, particularmente os que comunicam esperança e vida. A grandeza do coração agradecido está em que, deste modo, se manifesta capaz de amar e de ser amado.

Esta é a obra revolucionária dos santos — amar. Pai Américo foi um revolucionário e um incendiário desta vida nova que a humanidade de todos os tempos carece. Hoje idem, enquanto se debate no charco das impurezas que a corrupção multifacetada vai semeando no campo humano.

Nas incertezas, em que por esse motivo a vida é profícuca, a fé é a alavanca para fazer face à vida: «Deus tira-me o tino e dá-me a Sua loucura. Os problemas de todos, e o meu também, ficam num instante resolvidos. Senhor de Misericórdia, não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino!» (Pai Américo). □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O valor do Património é misterioso e incalculável a medidas humanas. Não está somente em resolver problemas da gente mais abandonada, nem acudir famílias que sucumbiriam sem a sua ajuda ou, até, colaborar com as Paróquias no alívio aflitivo dos seus pobres, como, sobretudo, em revelar as maravilhas que o Espírito vem desenvolvendo em corações abertos numa acção secreta, íntima e real.

Eu, que tenho a graça de estar por dentro desta acção espiritual, quantas vezes estremeço, me arrepio e dou graças, quase instintivamente, ao descobrir o dedo de Deus a tocar os corações no sigilo de que Ele tanto gosta.

«É o pedido insistente do

maior silêncio (como esta gente se deixa impregnar do espírito evangélico!) que o Senhor Criador Redentor continue a permitir que, por muitos anos, seja a Presença d'Ele junto dos que lhe batem à porta».

E termina com um diminutivo muito agradável: «Com os cumprimentos desta cristãzinha!»

Este cartão é de um padre que ainda foi meu colega, em Coimbra, embora mais velho: «Com o abraço, aqui te envio 500€, para o Património. Não quero aferrolhar, mas morrer sem dinheiro e sem dívidas!»

A beleza de uma alma sacerdotal que se revela no desprendimento, na paz e na confiança!

Quem dera que esta lim-

pidez singela e grandiosa se pegasse a tantos outros ministros sagrados e fizesse deles os discípulos audazes de que o Mestre precisa, para romper este laicismo pagão que nos envolve e destrói.

«É que, ninguém pode servir a Deus e ao dinheiro. Ninguém». E quantos cristãos o servem sem dar por isso? Julgando mesmo que, assim, servem melhor o Senhor!

E esta: «Com saudações fraternas em Jesus, nosso companheiro de jornada, segue a minha partilha». Palavras simples, reveladoras de séria intimidade com o Senhor por Quem e para Quem vive.

«Comecei a ler o artigo de seguida e só parei

quando terminei. Não sei expressar os sentimentos em que me vi envolvida. Só sei que tenho o dever de colaborar com este problema ou, melhor, ajudar à solução do mesmo, pois sinto que tenho essa obrigação. Agradeço não fazerem referência ao meu nome no Jornal».

Apetece-me gritar como o Senhor Jesus, em diversas ocasiões, nos seus discursos pelas sinagogas, montanhas e praias da Galileia: «Alegrai-vos porque o Reino de Deus chegou a vós, está dentro e no meio de vós». Sim, só gente apaixonada por Jesus Cristo e pela sua Palavra, é capaz de sentir, conosco, desta forma, as dores e aflições dos pobres.

Continua na página 2



# Pelas CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**ALUTA CICLÓPICA PELA JUSTIÇA SOCIAL COMEÇA AQUI** — Com as notícias que nos têm chegado diariamente sobre o que está a acontecer a um grande grupo financeiro do nosso País, mais o que já tinha antes acontecido noutros, mostra-nos o muito mal que pode ser causado a muitos quando o dinheiro e outros instrumentos de poder estão concentrados em tão poucos, para benefício próprio. Ao olharmos para esses milhões todos, sabendo nós da diferença que uma pequena ajuda, na hora própria, pode fazer na vida de muitas pessoas, damo-nos melhor conta da luta ciclópica que é combater por mais justiça social.

Quando, há uns dias atrás, estávamos a promover o lançamento de uma iniciativa nessa linha de conceder pequenas ajudas, na hora própria, a quem precisar delas, fizer por as merecer e mostrar vontade de as tornar reprodutivas, uma senhora que nos ouvia e a quem isso fez muita falta em várias alturas da sua vida, lembrou-nos isso. Ter sido a mais velha de oito irmãos, com a mãe doente e só pai a trabalhar, fez com que não tivesse podido ir além da instrução primária, contra aquilo que eram os seus desejos. Daí para a frente a vida de algumas dezenas de anos de empregada fabril também não foi fácil. Por várias vezes “pequenas” ajudas, na hora própria, teriam feito muita diferença na sua vida. Hoje, ela procura passar para a sua comunidade essa lição de que podemos e devemos colocar o nosso “pouco” ao serviço dos outros ao liderar uma associação de moradores no bairro em que vive que é dos que tem pior fama lá pelas suas bandas.

É mesmo assim que deve ser. A luta pela justiça social é ciclópica, mas não é só para outros travarem (governos, políticos, etc.), com o argumento de que, ao nosso nível, tão pequenino, o que fizermos de nada vale. Essa luta é para cada um de nós e para ser travada no local onde cada um de nós se encontra.

Que Deus nos ajude a sabermos ser Vicentinos com este sentido do que fazemos e que Deus ajude os Leitores que conosco colaboram neste trabalho.

**O nosso NIB:** 0045 1342 40035435340 43

**Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):**

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

## PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre



**PRAIA** — Como todos já sabem, existe uma casa de férias da Casa do Gaiato. A mesma é utilizada para os Rapazes passarem férias. Nós vamos em grupos por turnos, que são distribuídos pelas idades. Este ano haverá dois ou três turnos, cada grupo tem direito a 3 semanas de férias. A vida dentro da casa é um pouco igual como vivemos na Aldeia em Paço de Sousa, temos que fazer as faxinas, rezar o Terço, ir a Missa aos sábados, mas nunca sem a presença de um mais velho que toma conta de comprar o que for preciso, e também toma a responsabilidade de levar alguém que se aleije, ao hospital, e também tem a responsabilidade maior de saber as horas certas para ir à praia. É assim um pouco de como é a nossa vida na casa de férias da Azurara. □

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**ENCONTRO DE 19 DE JULHO** — O nosso Pai Américo partiu para o Céu a 16 de Julho de 1956, há 58 anos. Para celebrar o *seu dia*, que é o de Nossa Senhora do Carmo, a Obra da Rua organizou um Encontro muito bom, na Casa Diocesana de Vilar, a 19 de Julho, sábado, de tarde. Houve várias palestras interessantes, o lançamento de um livro sobre a vocação do nosso Pai Américo, uma exposição simples e uma Eucaristia, presidida pelo Sr. Bispo do Porto, D. António Francisco. Como as Casas do Gaiato de Paço de Sousa e de Setúbal, que também participaram, a nossa Casa deslocou-se expressamente e apresentou uma peça de teatro, sobre o valor do trabalho: “Aqui é a Casa do Gaiato”. Foi um grande dia, em que sentimos a união dos Gaiatos e

a força dos nossos amigos e amigas para nos empenharmos mais na vida das nossas comunidades, à luz do Santíssimo Nome de Jesus!

**FÉRIAS NA PRAIA** — O primeiro turno de Rapazes (17), da *casa-mãe*, partiu a 13 de Julho, Domingo, de tarde, para duas semanas junto ao mar, no nosso Lar de Férias, na Praia de Mira, acompanhados pela Sr.<sup>a</sup> D. Nazaré e pelo *Zé Pinóquio*. A Sr.<sup>a</sup> D. Mabília visitou-nos. Os professores Paulo e Paula também nos acompanharam. Fizemos as obrigações, brincámos muito em casa e na praia, onde também mergulhámos. Faz bem mudar de ares e ainda mais descansar. Boas férias para os nossos Amigos.

**AGROPECUÁRIA** — O calor tem apertado neste mês de Julho. Os pessegueiros e as ameixoeiras têm dado muitos frutos para as nossas sobremesas. Tem-se cuidado da nossa horta e colhido espinafres, vagens e alfaces. As latadas de videiras (de uvas de mesa) estão carregadas. O milho tem sido regado e está alto. Cortámos a rama da batata na *terra dos grilos* e, depois, apanhámos as batatas nos regos. Os olivais foram capinados. Outro trabalho que nos tem ocupado muito, é a limpeza das ervas daninhas em vários terrenos: pomares de citrinos; barreiras dos campos do *poço novo*, da *vessada* e da *terra nova*, os quais são cortados pela Avenida Padre Américo. Os frangos do nosso galinheiro deram um pulo. □

## PADRE CARLOS

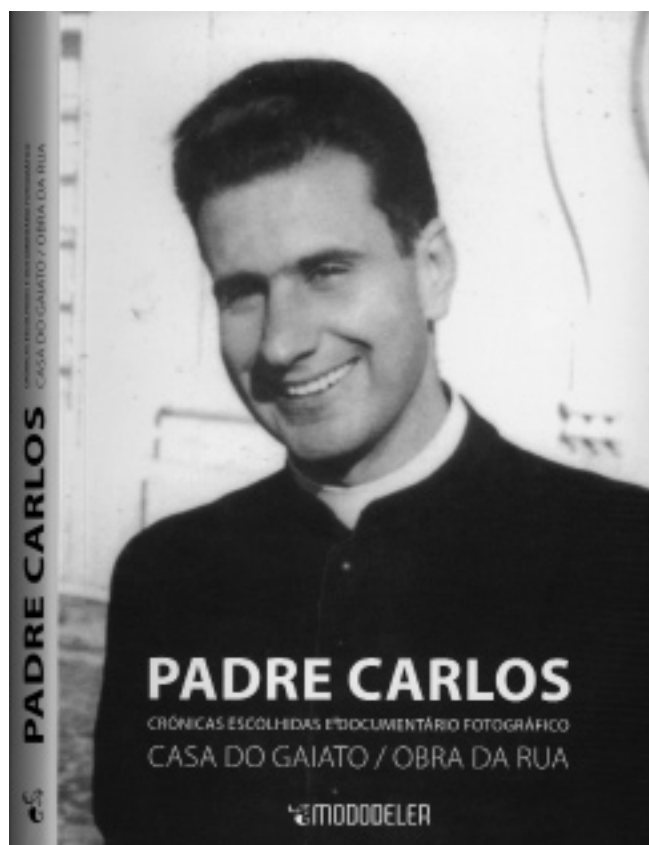
Júlio Fernandes

O livro que agora sai, é uma colecção de textos d'O GAIATO, escritos pelo nosso Padre Carlos durante os últimos cinco anos da sua vida, foram seleccionados e editado pela *Modo de Ler*.

Não foi pacífica a chegada do Engenheiro/Padre às páginas d'O GAIATO — ele mesmo, mais tarde, desabafou: «Não sei falar para gente pequena», como reconhecimento dessa dificuldade que o Fundador lhe levantou, pois se o dizer era, faltavam caminhos que ajudassem à solução.

Nos textos que apresentamos, Padre Carlos desbrava caminhos, sugere soluções, mostra pistas para que «olhos de ver, vejamos; ouvidos de ouvir, ouçam» — e sempre no centro: a Família. Em primeiro, a Família de Nazaré (onde o progresso social cristão acontece, no dizer de Pai Américo) que seguiu como exemplo. Depois, a família que tomou a seu cargo: os gaiatos. Finalmente, todas as famílias de todos os quadrantes e latitudes. Denunciando as suas fragilidades, as suas misérias e as causas contributivas delas: o frágil ensino escolar, a precariedade do trabalho, a mentalidade mercantilista... e tantos outros (*vide* governantes) que incompreensivelmente a não defendem. São gritos que nos deixou gravados com sua pena inteligente e sóbria.

Eis, pois, agora, nova oportunidade para quantos podem e têm ouvidos e olhos, assimilem e ponham em *convalescença* séria a Família, extraindo-lhe os tumores do passado



recente, injectando-a de novo sangue e nova vida, ligando-a ao *semper* como Instituição Inabalável com mecanismos de séria vivência.

Os pedidos devem ser feitos à *Modo de Ler*, Porto, ou para Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa, telefone 255752285, e-mail: obradarua@iol.pt. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Aí vai mais: «*Leio no Jornal a sua nota, contando as aflições que tem para chegar a tantos pedidos, todos parecem tão urgentes. Espero que a minha contribuição chegue para alguma coisa, pelo menos, para o fogão que a senhora pede para fazer a comidinha aos filhos*».

Eu podia continuar com muitas citações semelhantes, que guardo em centenas de cartas arquivadas, apontando todas a mesma direcção e grandeza espiritual, mas fico-me por aqui.

A Obra da Rua extravasa todo o nosso alcance, atingindo os filhos de Deus, Leitores d'O GAIATO.

Só Deus conhece e mede a santidade de tantos cristãos que vivem heroicamente a sua fé e se privam do necessário, para responder, com toda a alma, ao desespero de seus irmãos.

É impossível que estas acções, tão limpas, não cheguem ao Céu! □

## PENSAMENTO

Pai Américo

Ora, nós sabemos pela experiência quais as possibilidades infinitas que toda a criança guarda no peito; nós acreditamos no mistério da memória que guarda, para desabrochar pela vida fora, a palavra forte, amiga, oportuna, de intenção decisiva; nós vemos no gaiato da rua, por detrás da roupagem do vadio, a obra primorosa das mãos de Deus e a Graça que o aperfeiçoa.

in *Pão dos Pobres*, vol. II, p 109



## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Para um elogio às mães

COM os olhos fitos no Mestre, que *saiu de casa e foi sentar-se à beira mar*, fomos saber da garotada a pisar areais e a molhar os deditos nas águas frias do mar, com *lágrimas de Portugal*. São cerca de uma vintena de miúdos arrebitados, também com fome de regras, pois a onda dos *direitos* quer galgar os deveres.

Os espigados têm-se aplicado com afinco a arrancar ervas ruins, por entre oliveiras, à espera de um gelado na hora certa, pois também assim percebem melhor a necessidade da *boa terra* e da *boa semente* para dar fruto.

Enquanto mergulhávamos nesta comunidade em duas frentes, terra e mar, deu-nos que pensar somente isto que os média propalaram: a baixa da natalidade, os milhões das transferências e a cifra de que um quarto da riqueza nacional está nas mãos de 1% da população.

O problema do envelhecimento crescente da população portuguesa, mesmo sendo transversal na União Europeia, é muito preocupante; pois, Portugal apresenta uma taxa de natalidade baixíssima, enfrentando assim um grave problema demográfico, o que compromete seriamente o seu desenvolvimento sustentável e o futuro da nação. Esta situação tem-se vindo a agravar nos últimos 50 anos e está na ordem do dia... É uma chaga social a que não se tem olhado de frente nem acarinhado, como seria exigível. Há

muita gente distraída, demasia verborreia, interesses suicidas e pseudo-modernices, descentradas do núcleo básico e vital da sociedade.

Todas as medidas pró-vida humana que possam ser tomadas e postas em prática são muito bem-vindas e pecam por tardias. Que adiantarão as lamentações sem as devidas acções? Embora discretos, mas concretos, os avós ainda vão sendo uma grande rectaguarda. Da saúde à educação, passando pelas áreas fiscal, laboral e social, há que recentrar as prioridades nacionais, com decisões que promovam a natalidade e o bem-estar das pessoas. Afinal, é verdadeiramente importante e inquietante inverter a situação tendencialmente decrescente de nados vivos? Apesar de ser evidente, no panorama social, uma quebra de valores, uma boa parte dos casais deseja ter mais filhos. Para que possam ter os filhos que desejam, muito há a fazer no sentido de apoiar as famílias. Urge arrepiar caminho, quanto antes, entre outras vertentes, nomeadamente na defesa da vida desde o seu início, na relação vida familiar e trabalho, e nas tributações fiscais.

O Padre Américo, em pleno conflito mundial, diante da miséria, foi *forçado* a dedicar-se às crianças da rua. E proclamou bem alto isto mesmo, sempre actual: *todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão*.

Neste tempo em que vivemos, há problemas de sempre e outros com mais acuidade. Pela

desvalorização da vida conjugal, como projecto numa família equilibrada, com a insuficiente preparação para a realização desta vocação natural da pessoa humana, mais circunstâncias adversas, foi-se chegando a um índice de fecundidade baixíssimo (1,21 em 2013). A experiência de ir dando luz, da maternidade e paternidade, é muito gratificante e comprometedor para a descoberta do sentido da vida.

Em face da crueza das feridas expostas, a vivência e o encontro com aqueles que não sentiram desde cedo o bafo materno e o braço paterno, quando botamos os olhos nalguns catraios zangados a dizer chega, entre carradas de razões, há pelo menos duas de monta: as refregas da bola e o desrespeito pela mãe deles... E perguntamo-nos por elas, ainda, quando nos balbuciam: — *Estou borrado*...

Por estes dias tórridos, bem sabemos que toda a pessoa não pode passar sem calor humano. Alguns rapazitos vieram mostrar-nos, no seu lazer, uma andorinha pequenina e um pombinho, desgarrados, sem o calor dos seusinhos. Foi lindo de ver os mil cuidados que lhes dispensaram e o receio de que eles não se salvassem.

Que o *Sim* de Maria de Nazaré, Mãe do Salvador, seja um despertador das instâncias decisórias e das consciências humanas. O deserto não é o melhor lugar para um devir consistente da terra lusa e de toda a humanidade. □

## SETÚBAL

Padre Acílio

## Uma peregrinação

SEM data certa, mas com o mesmo objectivo, um grupo de cristãos da cidade de Castelo Branco, ruma, anualmente, a esta Casa para se animarem, no espírito de Pai Américo e, nele, avivarem a sua Fé.

Durante meses, preparam ofertas, convidam amigos e recolhem esmolas.

Nunca me canso de exaltar o estímulo que esta Igreja simples e repleta de Evangelho nos traz. Ela aceita a Casa do Gaiato e a sua acção com os pobres, como obra sua, proclamando com gestos e sacrifícios, que a Obra da Rua pertence à sua Igreja. É um pregão que não parte da autoridade instalada, mas nasce do coração crente deste povo discreto e puro.

Viver e celebrar connosco a Santa Missa, é o propósito principal deste encontro, mas sentar-se à mesa com os Rapazes, partilhar com eles os seus doces regionais, queijos fuma-

dos e frutas, é uma delícia que não dispensam.

Neste dia, a Casa do Gaiato também é sua. Então, não há canto que não seja revisto.

A horta, com as variadas e abundantes verduras, encheu o olho das senhoras. Os pomares tratados, os milhos viçosos e robustos, as abóboras, o feijol e as videiras, causaram-lhes muita admiração e fartaram-lhes a alma!

Os porcos e as galinhas, as vacas leiteiras e as suas crias, a pujança da vida animal que envolve os Rapazes, também lhes provocou enorme prazer.

Calhou ser no mesmo Domingo da reunião dos Antigos Gaiatos, assim, o júbilo multiplicou-se e abraçou todos!

A Câmara Municipal de Castelo Branco cede-lhes o autocarro e, as pessoas, todo o dinheirinho que arranjam, depositam, felizes, no altar do Senhor e, depois, põem-no nas minhas mãos!

Este ano passou dos seis mil euros.

Esta Obra não tem apoio do Estado, basta-lhe o suporte do Povo.

## Reunião dos Antigos Gaiatos

TRANSFORMA-SE sempre num espectáculo de alegria e conforto, a reunião dos Gaiatos Antigos.

Este ano, predominou a faixa dos saídos, nas décadas de 90 e 2000, mas juntaram-se alguns dos primeiros e, muitos dos últimos.

É um júbilo indizível contemplar os Rapazes a abraçarem-se, uns aos outros, a apresentarem as suas famílias e, até, a gozarem comigo à mesa, no bar, enquanto jogam futebol ou mergulham na piscina.

Esperava que aparecessem alguns da antiga Casa de Lisboa, mas não se fizeram notar.

Para o ano, viveremos as mesmas emoções que se tornarão vivas no convívio de todos. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

A palavra escrita é mais difícil que falada. E há tantas coisas difíceis na vida da gente que nem sei por onde começar. É mais fácil explicar às mamas da Massaca e Mahubo quais as árvores que devem cortar na nossa floresta, para não estragarem as melhores, que desbravar a mente e apanhar no emaranhado da vida aquilo que vale dizer. Uma notícia boa é que temos quatro toneladas de batata semeada e, graças às chuvas que Deus nos deu este ano, a água vai dar para as criar, mas não para, ao menos, um quarto do *pivot*, onde necessitamos plantar feijão para as necessidades da Casa. Com os dois furos de água há mais de dois hectares de alho, cebola, cenoura, tomate e algum feijão verde a crescer. Também nos tanques de peixe teremos a passar de seis toneladas dele, se conseguirmos afastar as aves de grande porte e bico comprido que o apanham debaixo de água. Quanto à conduta nova, só estudos a finalizar, cujos custos vamos ter de pagar sem certamente a concretizarmos. Serão muitos milhões de euros e não haveria como fugir ao agiotismo do Banco, como foi para os autocarros escolares. Por isso, não queremos mais nada, nada mesmo, com o BCI. Só como foi indicado no último GAIATO. Do Lar para os Rapazes na cidade o inesperado ainda não veio. Entretanto alguns já o ocupam, sem pagarmos o direito de utilização e aproveitamento da terra e a licença de construção, porque quem fez a casa morreu sem tratar disso. A viúva e filha são espanhóis, não estão aqui e ficámos em maus lençóis. Só isso vai para mais de cinco mil euros, sem juros de mora. Pior se não pagarmos tudo já; corremos o risco de ficar sem nada. É certamente uma situação de risco. Mas para que serve a Fé? Se a não tivéssemos não serviria para nada. Notícias dos nossos Rapazes são que temos arranjado emprego para uns tantos quantos. Mas também após bons anos de serviço dois ficaram com tuberculose, um pulmonar e outro no pericárdio, provocada pela não utilização, à noite, dos filtros. Após tratamento cuidadoso, aqui em Casa, apresentaram-se ao serviço. Um simplesmente foi despedido e outro também, mas com a indemnização que lhes apeteceu. O neocolonialismo é assim. O que lhe interessa é defender os direitos de investimento. Investir em recursos humanos não é com eles. Quem está preparado entra, mas sai na próxima oportunidade, para não ganhar direitos. A lei do lucro sobrepõe-se a todas as leis. A de Deus, posta de lado, deixa este mundo, este aqui e de quantos países, à deriva. O Papa Francisco na sua Exortação, que continuo a ler aos bocadinhos, fala a todos paternalmente: às sociedades quer humanas quer cristãs. Não à guerra e «não à guerra entre nós». Não resisto a transcrever: «*O mundo está dilacerado pela guerra e violência ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando o próprio bem-estar. Aos cristãos de todas as comunidades do mundo quero pedir-lhes, de modo especial, um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais. Por isso, é que todos conhecerão que sois meus discípulos; se vos amardes uns aos outros*». Foi o que Jesus ensinou. □

PADRE AMÉRICO  
ITINERÁRIO VOCACIONAL

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

*Vamos a mais de meio caminho de viagem e eu não tenho feito nada. De Lisboa até ao ponto aonde esta escrevo, o mar tem sido tranquilo. Dentro de mim também há paz. Papel não falta; o Júlio Mendes preveniu-se. [...] De maneira que nem é falta de tempo, nem de papel, nem de disposição, nem nada. É o eu. Sinto dificuldade. Encalho. Emperro. Isto não vai prà frente. Já me lembrei de pôr um ele baseado naquela frequente dúvida do povo que me vê passar: — É ele? Será ele? Ora parece-me que com este ele eu poderei fazer o livro. Vamos a ver.*

No entanto, decidi não escrever essa obra. Para colmatar a lacuna, em jeito de abordagem teológica à problemática em questão, numa visão analítica, propusemo-nos investigar manifestações da sua vocação presbiteral, em especial quando e como terá ocorrido o *duc in altum* decisivo. Procurámos descobrir alguns segredos da sua caminhada vocacional, nos períodos menos conhecidos, desde o berço até o Bispo de Coimbra, em 1932, lhe confiar a missão do serviço aos Pobres.

Uma hipótese que pretendemos provar é a seguinte: a vocação de Américo de Aguiar não foi tardia e o chamamento definitivo, a *martelada* derradeira, deu-se na cidade de Lisboa, em 1923. É da sua pena de artista da palavra esta síntese da sua resposta ao Bom Pastor: *Mal diria eu nos dias faustosos em que Lisboa me queimava e seduzia; mal diria, sim, que naquela mesma cidade, onde tanto quis ganhar a vida à moda do mundo, havia de a perder à maneira do Evangelho*. □



## BENGUELA

Padre Manuel António

## Dia da Obra da Rua

QUANDO poisardes vossos olhos nestas notas que estou a escrever, já passou o dia da Obra da Rua. Pai Américo nasceu para o Céu em 16 de Julho de 1956. A partir dessa data, a Festa da Família, que Deus gerou no seu coração de Pai, começou a celebrar-se nesse dia. Por isso, os filhos da Obra da Rua que passaram pelas Casas do Gaiato reúnem-se com os seus irmãos para celebrarem esta data. Neste ano, deu-se um acontecimento muito interessante. Foi a visita do Sr. Núncio Apostólico, representante do Papa Francisco em Angola. Esteve presente na Diocese de Benguela, durante vários dias. A nossa Casa do Gaiato de Benguela, a propósito dos 50 anos da sua existência, foi um dos locais muito queridos para a sua visita. Sentimo-nos felizes. Foi uma prova do amor da Mãe Igreja para com a Casa do Gaiato. Por sua vez, a Obra da Rua, através das Casas do Gaiato e do Calvário dos doentes incuráveis abandonados, é um testemunho reconhecido do amor maternal da Mãe Igreja para com os mais pobres. Crentes e não crentes vêem este amor por esta janela aberta.

No encontro com um grupo de jovens que passou o dia connosco, a Casa do Gaiato entrou também nos seus corações. Ficaram de tal modo comovidos que prometeram fazer tudo pelas crianças abandonadas. O mais importante, porém,

foi a decisão pessoal de cada um para não contribuir, pelo seu mau comportamento moral, para que aumente o número destes filhos. Quem dera! É absolutamente necessário aproveitar todas as oportunidades para que não se agrave o problema das crianças abandonadas da parte dos pais. Da nossa parte, tudo faremos para sensibilizar a juventude, com formação humana e religiosa, para que ajude a curar a sociedade deste mal muito grave, através do seu comportamento responsável. É um caminho por onde pode circular o fermento saudável no seio da juventude. Há muito que fazer, nesta dimensão social. Por isso todas as forças vivas, particulares e sociais, civis e religiosas, devem estar empenhadas em aproveitar as oportunidades para a cura preventiva deste mal. Os filhos que nascem têm direito a uma família que os ame com o amor do pai e o carinho da mãe. A experiência concreta dos nossos mais pequeninos que buscam sempre as nossas mãos para se agarrarem e o nosso rosto para receberem um beijo dos nossos lábios.

Precisamos dos meios materiais, financeiros, para levar, por diante, este projecto maravilhoso, porque muito necessário. É o bem social que está em causa. Estes filhos também são vossos, porque foram abandonados. Só o amor os pode salvar. Por isso, abri o vosso coração e partilhai o pouco ou o muito que enche as vossas

vidas. Há dias, um casal ainda jovem, bate à porta, de surpresa. A mãe trazia um filhinho ao colo. Com uma simplicidade maravilhosa, o jovem marido entrega, nas minhas mãos, um pequeno embrulho com dois montinhos de notas de mil Kwanzas. Era o fim do mês. Dezenas de pais e mães tinham acabado de receber o seu pão de cada dia. Ficámos aflitos. Este donativo, desta maneira, veio dar-nos coragem. Despediram-se com a simplicidade da chegada. Algumas facturas estavam à espera do pagamento. Este donativo foi um verdadeiro alívio. Quando nos perguntam como é possível vivermos, na dimensão financeira, a resposta começa com o gesto deste jovem casal. Outras fontes têm mais possibilidades. Aconteceu, há dias também, a proposta dum pedido a uma instituição financeira para uma ajuda à Casa do Gaiato de Benguela. Foi um funcionário que tomou a iniciativa, porque conhece o grande bem social que está a ser feito. Mais um motivo para mantermos a Esperança. Aguardamos a resposta definitiva.

Estes filhos da Casa do Gaiato de Benguela pedem todo o nosso esforço de acompanhamento. O sector escolar é um dos pontos de referência essenciais. O mesmo acontece com os vossos filhos também. Alguns resultados não são animadores. Não podem perder esta oportunidade boa para o seu futuro. Por isso, com perseverança, com muita paciência, vamos ajudá-los a mudar o seu comportamento. Com um beijinho muito carinhoso dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela para todos vós. □

## VINDE VER!

Padre Quim

## O peregrino orante do tugúrio

ESCREVO estas notas nas vésperas do dia da festa da nossa Obra. Alegria e júbilo, compõem os sentimentos mais reais quando nos aproximamos dela. Foi a 16 de Julho de 1956 que Pai Américo nasceu para o Céu. No dia em que a liturgia Cristã faz Memória de Nossa Senhora do Carmo. Mãe da Divina misericórdia. No elogio fúnebre, em Paço de Sousa, afirmaria o Dr. Eduardo de Albuquerque: «Orava em silêncio — mais praticando do que falando...!», toda a vida e acção resumida nesta pequenina frase. Foi um místico na Acção, o peregrino orante do tugúrio, o mestre da nova escola de oração. Do escritório onde escrevo, um quadro com o seu retrato enche de confiança aquele que a enxerga, o olhar sereno diz tudo. Basta para penetrar no coração e fazer germinar nele novas forças para amar e sofrer com paciência até fazer destes pequeninos filhos de ninguém homens de bem, cristãos, bons cidadãos. Filhos que digam a Deus Pai Nosso...

Entramos naquela semana que se vai tornando tradição nesta Casa, dedicada a escuta da voz do coração de Pai Américo, através da leitura do *Cantinho dos Rapazes*, «como os nossos mais espigados gostam de ler O GAIATO, é justamente dedicado a eles este cantinho dos rapazes para servir de leitura espiritual», como se lê na dedicatória do mesmo livro. O *Cantinho* é para ser lido e meditado, dizia Pai Américo. E como é bom chegar com o livro na mão e ser invadido por eles, para o saborearem. Não há outra hora mais sagrada para o referido acto senão a do Terço, entre os mistérios do nosso Rosário, é leitura espiritual.

Os Rapazes inscrevem-se em vários grupos para participarem das actividades alusivas à data. Concursos campeonatos, enfim, é festa. E quando é à nossa maneira, é que é mesmo nossa. As bicicletas já estão prontas e, desta vez, guardadas para a véspera da festa. As que tinham sido farrapadas, o Germano já ás consertou. Temos artistas para compor e para farrapar. Não pode ser outra realidade senão mesmo a da seara imensa do trigo e do joio, crescendo juntos até á colheita. Os sábados académicos com a final tão esperada, para os nossos pequenos intelectuais hoje e grandes no futuro desta jovem nação. Hoje tudo na nossa vida deve interagir com a semente do amor que Deus colocou no coração de Pai Américo para que continue a crescer e que à sua sombra debaixo dos seus tectos venham abrigar-se os que não tendo nada nem ninguém encontrem nela tudo para recuperar a dignidade de filhos queridos do nosso bom Deus. □

## MALANJE

Padre Rafael

## Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos

DE onde sois?, perguntei-lhes. O maior, que teria uns 12 anos, começou: «Vivia nas Lundas (que dista uns setecentos quilómetros de Malanje, conhecida como a terra dos diamantes) com a minha madrasta. Meu pai perdeu uma perna num acidente e como não podia tomar conta, mandou-nos a Malanje.

Quando chegámos, minha madrasta juntou-se com outro homem que mais não fazia que insultar-me, bater-me e terminou por me expulsar de casa. Assim, vivo na rua 15 no pátio de um edifício. Ganho o meu dinheiro sem roubar. Normalmente, as senhoras do edifício pedem-me para transportar água, cinco bidões de 20 litros por um dólar. Outras me pagam o mesmo por passar a pano o prédio...»

E essa ferida na perna?, continuei.

«Há três meses uma mota, ao desviar-se de uma pessoa, golpeou-me com o tubo de escape e queimou-me. A ferida demora em cicatrizar». Nisto, outro rapaz, mais pequeno, interveio: «Mostrá-lhe a outra...». Baixou as calças e vi uma grande cicatriz que percorria toda a perna até aos rins. «Isto foi um carro que me atropelou. Fugi porque estava

com medo... esta ferida não me preocupa porque cicatrizou sozinha».

Depois de terminar, perguntei a outro que tem uns 13 anos, começou: «Eu sou filho da madrasta e quando a minha mãe o pôs fora de casa, eu disse-lhe que ela era muito má e que eu também saía. Assim, vamos todos juntos para todos os lados. Ainda que não sejamos irmãos, é como se o fôssemos.

Entretanto, passava o Dorito por ali — um gaiato que trabalha na mecânica — e pedi-lhe que lhes fizesse algumas perguntas para saber se eram gaiatos... e deixei-os a conversar.

Quando subia à serralharia me encontrei com o Dorito e perguntei-lhe sobre os rapazes. Ele respondeu sorridente: «Não têm para onde ir. Aqui é onde têm de estar». Então vais apresentá-los ao chefe-maioral.

De onde és?, perguntei a um outro. Ele respondeu: «De Luanda. Lá, vivia na rua e ganhava a vida pedindo ou fazendo recados. Disseram-me que meu pai vivia em Calomboloca (uma vila a quarenta quilómetros de Luanda). Assim, fui até lá. Quando cheguei, o meu pai não quis



«Não têm para onde ir. Aqui é onde têm de estar.»

receber-me, porque a família disse que era bruxo e era melhor desaparecer. Pedi então a uma senhora que se fizesse passar por minha tia e me trouxesse até Malanje. Depois de estar uns meses por aqui, fiz-me amigo deste e disse-lhe que ia regressar a Luanda, que aqui passava muito

mal. Concluindo, como o comboio vai de Luanda a Malanje, decidimos seguir pelos carris. Quando chegámos perto da Casa do Gaiato, disseram-nos que aqui vivem uns padres que querem muito aos rapazes e os ajudam... e aqui estamos».

De onde és... □